

HOOKS, Bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra.** Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019. 380 p.

Miliane de Carvalho Pinheiro*
Yara Bruna Vitorino de Paula**

A obra *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*, de bell hooks¹, foi publicada originalmente em 1989 nos Estados Unidos com o título *Talking Back: Thinking Feminist, Thinking Black*. No Brasil, a publicação ocorreu em 2019, pela editora elefante, contando com o prefácio de Mariléa de Almeida e traduzida por Cátia Bocaiuva Maringolo. Os principais estudos de bell hooks são voltados para as questões de raça, gênero, classe social e a conjunção desses fatores com sistemas de dominação e opressão. Os escritos da autora estão ganhando cada vez mais atenção no Brasil, sobretudo, em decorrência da publicação de três obras em 2019.

bell hooks foi registrada como Gloria Jean, entretanto, adota o pseudônimo em homenagem a sua avó materna, evocando a sua ancestralidade e com a finalidade de construir uma identidade-escritora. A autora não era afeiçãoada ao seu nome Gloria, já que este parecia ser um nome que não era seu e que remetia a uma identidade reprimida, posto isso, classifica que o pseudônimo surgiu como libertador, desempenhando uma função terapêutica, constituindo-se como um gesto de rebeldia e empoderamento. Com o pseudônimo, também busca desviar o foco da sua personalidade, do seu “eu”, direcionando o centro para as ideias disseminadas. A

autora é formada em literatura inglesa pela Universidade de Stanford e realizou seu doutorado na Universidade da Califórnia. Atualmente é professora convidada de cursos na Universidade de Berea.

O livro Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra é resultante da narrativa da trajetória pessoal da autora refletida com um viés teórico. A edição é composta por introdução, vinte e três ensaios e uma entrevista, através dos quais transmite seu pensamento de modo didático sem fazer uso de uma escrita de difícil entendimento. Com foco nas questões feministas e raciais, a autora aborda os padrões racistas, machistas e sexistas que envolvem o cotidiano de mulheres negras no campo pessoal e acadêmico, com isso, realiza um esforço político, erguendo sua voz ao falar/estudar sobre sua própria realidade e das demais mulheres negras, denunciando o contexto de opressão e dominação que envolve o cotidiano destas. Na obra argumenta que pessoas negras são criadas acreditando que existem muitas coisas que não podem ser faladas nos espaços públicos e nem mesmo nos privados, e, a partir dessa percepção, bell hooks tem o propósito de conectar esses dois polos, instigando o leitor a pensar criticamente sobre a divisão existente entre público e privado.

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Bacharela em Serviço Social pela Universidade Estadual do Ceará (UECE).

** Mestranda em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e representante discente no PPGS/UECE. Em 2018 obteve o grau de Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

¹ A autora opta pela escrita em minúsculo do seu nome, com a intenção de privilegiar as ideias e não sua personalidade. Deste modo, em respeito à sua escolha, nesta resenha seu nome aparecerá com iniciais minúsculas.

O primeiro capítulo do livro revela as dificuldades e vivências da autora para erguer sua voz sem medo. bell hooks mostra o receio da mulher negra de falar em espaços públicos, visto que é um lugar dominado pela voz masculina (em especial, a branca), lembrando que na sua infância não era ouvida, o que representava uma forma de violência. De acordo com hooks (2019), escrever esse livro, trazendo suas questões pessoais, foi uma forma de exercício para erguer sua voz sem medo, sendo um ritual de iniciação em uma transição de objeto para sujeito. A reivindicação da autora pelo ato de erguer a voz envolve ações concretas para romper com o silenciamento imposto pelos atos de opressão. Deste modo, como substrato geral de sua obra, defende uma prática de *autorrecuperação* dos(as) oprimidos(as) e uma educação/pedagogia libertadora como caminhos de mudança e afirmação dos sujeitos para o alcance de sua própria voz, sendo Paulo Freire uma de suas principais referências. Portanto, considera que “encontrar uma voz é parte essencial da luta libertadora – um ponto de partida necessário para o oprimido, o explorado -, uma mudança em direção à liberdade” (HOOKS, 2019, p. 55).

bell hooks (2019) aborda o feminismo como uma política transformadora, mas que precisa ser pautada não somente em contraposição a uma dominação patriarcal, que põe o homem contra a mulher, fazendo uma defesa que a revolução feminista deve ser construída com amor e solidariedade. Para a autora, portanto, a união entre homens e mulheres é sinal de uma luta efetiva. Ao compreender que o machismo molda e determina distintas relações de poder, hooks, expõe que a luta feminista para pôr fim a dominação patriarcal deveria ser de primeira importância para mulheres e homens, porque entende que é a forma de dominação que estamos mais propensos a encontrar na vida cotidiana, principalmente, no contexto da vida privada/doméstica. Argumenta que existem múltiplas e contraditórias definições sobre a causa, o que cria confusão e enfraquece o esforço de construir um movimento global, ressaltando a necessidade de serem revisados os pilares centrais do movimento feminista, bem como a urgência em enfatizar de modo conjunto as dimensões de sexo, raça e classe como *sistemas interligados de dominação*. Desta forma, para bell

hooks, o movimento feminista deveria ser central em todas as lutas de libertação.

Apesar de escrito na década de 1980, o livro de hooks traz discussões, análises e proposições que nos parecem pertinentes na atualidade. Assim, ao analisar a teoria feminista, afirma que a mesma, ainda, se encontra dentro dos muros da universidade e quando isso ocorre acaba se transformando em mais uma forma de elitismo acadêmico, sendo essencial reconhecer que a teoria está perdendo sua conexão com a luta e, portanto, “(...) essa conexão deve ser firmemente restabelecida e compreendida, se nosso trabalho quiser ter impacto político significativo” (HOOKS, 2019, p. 97). A autora realiza a crítica sobre o feminismo que é disseminado dentro da universidade que compreende como de caráter branco e academicista, o que reforçaria uma hierarquia opressiva. Em vista disso, defende a necessidade de múltiplas teorias e perspectivas em diversos estilos para se repensar o feminismo para que a teoria feminista seja pensada para além dos muros da academia, tornando sua linguagem teórica acessível, pois sem uma teoria libertadora não ocorreria nenhum movimento feminista efetivo.

bell hooks (2019) utiliza em sua obra um conceito chave *autorrecuperação*, o que significa o esforço do(a) dominado(a) para desenvolver consciência dos mecanismos de exploração e opressão, formando uma consciência crítica que favoreça a criação de resistências. Nesse processo de *autorrecuperação*, o(a) dominado(a) procura conhecer seu eu, ultrapassando o sistema de desumanização e fragmentação do seu ser em busca da recuperação da sua história. Nesse contexto, a linguagem aparece como elemento central no sentido de luta e libertação dos oprimidos para sua recuperação enquanto sujeito.

A autora compreende a educação como um meio necessário para a aquisição de uma consciência crítica e uma mudança de condição. Nessa perspectiva, pensando em uma chave freiriana, demonstra sua preocupação se professores(as) negros(as) estão comprometidos e se valorizam a educação como prática de liberdade, visto que as instituições superiores são formadas a serviço da manutenção da dominação branca. Apesar de sua defesa, reconhece que lutar por uma educação libertadora é um processo difícil, porque

se contrapõe ao padrão que é exercido dentro da Universidade, entretanto, o ponto positivo dessa escolha é o amadurecimento intelectual de muitos(as) estudantes que a autora pôde testemunhar, sendo esses testemunhos que afirmam que a educação como prática de liberdade sucede no ambiente universitário.

Outro ponto que a autora aborda sobre o contexto educacional é o processo de assimilação vivenciado por alunos(as) negros(as) como único caminho de incorporação e ascensão no meio universitário. Isto resulta em uma condição adoecedora para as pessoas negras que são submetidas a passividade e autonegação. Nesse sentido, considera que a solidariedade racial é um sentimento incerto entre os(as) alunos(as) negros(as), já que de modo contrário são instigados(as) a acreditar que a assimilação é o caminho para o triunfo no meio dominante. Para intervir em tais situações, bell hooks (2019), argumenta sobre instituições educacionais ensinarem distintos modos de pensar, inclusive sobre experiência pessoal negra, defendendo um movimento negro unificado e libertador que encoraje a comunidade negra a se fazer presente de modo concreto nesses espaços, sem necessidade de assimilação aos valores da supremacia branca.

A partir da experiência de sua graduação em Stanford, bell hooks problematiza a questão de classe no meio acadêmico. Conforme sua percepção, era muito inteligível as fronteiras de classe dentro da Universidade, entretanto, estas não eram pautadas, pois apesar de conviver com pessoas reflexivas, essas não debatiam sobre a temática, pelo fato de pertencerem a classe privilegiadas, esses(as) alunos(as) não compreendiam a realidade de quem não pertenciam de igual modo. Embora, bell hooks estivesse inserida naquele meio, afirma que não pretendia esquecer sua origem de classe, pois aceitar passivamente não era sua opção, pelo contrário, continuou resistindo dentro daquela instituição que tinha valores tão distintos dos seus. Por isso, argumenta sobre a importância de se pensar classe quando se reflete sobre educação.

No decorrer da obra, bell hooks (2019) tece algumas críticas ao movimento feminista radical a respeito da perspectiva adotada sobre a violência em relacionamentos íntimos. A autora problematiza o termo “mulher agredida”, uma vez que na sua visão essa

denominação reflete apenas sobre formas de violência mais extremas, deixando de lado as menores formas de abuso, as quais muitas vezes são precedentes para casos mais graves. Argumenta que mulheres que passam por essa experiência são vistas como mulheres que falharam em seus papéis “femininos”, pagando um alto preço social por tornar pública essa vivência. Portanto, pondera que esse tipo de expressão precisa ser repensada, porque “(...) arrisca reforçar essa noção de que a mulher machucada [...] torna-se um pária social, escanteada, marcada para sempre por essa experiência” (HOOKS, 2019, p.188).

A forma como o movimento feminista aborda a questão do militarismo ligando-o ao patriarcado também não foge das críticas de bell hooks. Para algumas feministas a militarização é um conceito do patriarcado, acreditando-as que lutar contra a militarização seria lutar contra o patriarcado, porém hooks (2019), afirma ter uma grande problemática nessa afirmação, visto que igualar patriarcado e militarismo é crer que masculino seria sinônimo de força e violência, enquanto seria feminino sinônimo de fraqueza e passividade. Na realidade, segundo a autora, o feminismo deveria afirmar que mulheres fazem escolhas políticas quando denunciam a violência e não sugerir que as mulheres são naturalmente não violentas, visto que, de fato, a base principal do militarismo é o imperialismo e não o patriarcalismo. Destarte, defende ser de extrema importância criticar o patriarcado, porém devem ser evidenciados os papéis políticos que as mulheres exercem, sendo contra ou a favor do militarismo.

Ao refletir sobre a politização, de modo específico a politização de mulheres, compreendendo esse aspecto a partir de uma consciência feminista que leva essas mulheres “(...) ao eu como ponto de partida” (HOOKS, 2019, p. 219), bell hooks faz críticas ao movimento feminista radical que ao construir uma luta pela identidade, acaba deixando de lado as questões mais ligadas ao coletivo. A autora acredita que quando ocorre essa união entre o pessoal e o político, os tornando um só, não há politização, em vista disso, considera relevante entender a experiência pessoal e a prática política para que a politização da consciência possa se tornar uma realidade no cotidiano. Desse modo, seu intuito não é negar a experiência pessoal e sim mostrar

que suas bases devem ser melhor compreendidas. Mas, o que o movimento feminista viria pregando seria uma sobreposição da experiência pessoal sobre o coletivo, subestimando a possibilidade da solidariedade, onde a discrepância consiste em visualizar a identidade como um desfecho ao invés de um meio. Assim, para a autora, o processo de politização deve estar totalmente vinculado a educação para que uma consciência crítica possa ser melhor desenvolvida.

No tocante ao questionamento se mulheres brancas podem ou não escrever sobre a vida de mulheres negras, bell hooks (2019) afirma que o problema central consiste no fato de que os(as) que dominam são socialmente vistos como sujeitos, enquanto os(as) dominados(as) são tratados como objetos. A problemática, portanto, reside na lógica da supremacia branca que supervaloriza a pesquisa de pessoas brancas sobre a experiência de pessoas negras ou não brancas, considerando esses(as) pesquisadores(as) como a voz de autoridade sobre a temática, enquanto pesquisadores(as) negros(as) são desvalorizados(as) quando escrevem sobre suas experiências, o que perpetua ações racistas, fortalece a dicotomia sujeito/objeto e reforça a relação de dominação.

Com essa problematização, a autora não desconsidera a importância dos estudos de pessoas brancas sobre a experiência de pessoas negras, entretanto, demonstra que o problema está na validação e na autoridade atribuída a esses estudos, em contraponto ao silenciamento dos estudos efetivados por pessoas negras. bell hooks (2019), então, afirma que não deseja que somente mulheres negras sejam encorajadas a escrever sobre assuntos direcionados à experiência da mulher negra, contudo, enfatiza o desejo de construir um mundo onde a pesquisa de mulheres negras seja valorizada e que suas vozes sejam ouvidas, especialmente quanto tratam de suas próprias realidades.

O capítulo sexto da obra merece destaque, nele bell hooks (2019) faz asserções mais pontuais sobre sua proposta de uma pedagogia feminista revolucionária. Para a construção desse modelo pedagógico, de acordo com a exposição da autora, é fundamental construir novos métodos e abordagens de ensino, visando um aprendizado transformador que desate as amarras

tradicionais da educação que reforçam a dominação. Nesse sentido, a pedagogia libertadora está em congruência com um movimento feminista libertador que objetiva transformar a sociedade, erradicando as opressões patriarcais, machistas e sexistas, ou seja, a luta feminista é *alicerce central para a educação feminista*.

hooks propõe que a pedagogia feminista deve ser um espaço de luta e de união entre teoria e prática, que busque superar a alienação e o distanciamento que tem se tornado padrão na universidade contemporânea. Destarte, a proposta da autora, é de uma pedagogia que envolva os(as) estudantes em uma metodologia de aprendizado que faça do mundo “*mais real*” e não “*menos real*”, o que requer a desconstrução das dimensões de poder e novas abordagens que se distingam da educação dominadora e que busquem um ensino libertador.

Através de sua experiência na pós-graduação, bell hooks (2019) reflete sobre a presença de mulheres negras neste âmbito. Conforme a autora, a associação do racismo e do machismo incidem diretamente como forma de opressão e dominação sobre estudantes e professoras negras, implicando no desempenho acadêmico das alunas, na empregabilidade de acadêmicas negras e na presença destas nos espaços de pós-graduação. Ocorre que, o ambiente educacional ainda é constituído pela estrutura da supremacia e dominação branca e composto majoritariamente por esse grupo étnico e por pessoas de classes privilegiadas, essa organização resulta em contextos de opressão e exclusão na vida de estudantes e profissionais negros(as), que são submetidos(as) a humilhações, desconsiderações de qualificações acadêmicas, negação de suas capacidades em ocuparem espaços de pós-graduação. Apesar de compreender que o racismo e o machismo moldam a experiência da pós-graduação, bell hooks (2019), avalia que há cada vez mais contextos universitários com condições favoráveis para estudantes negros e negras.

No décimo quinto capítulo da obra, bell hooks (2019) explicita que passou a considerar mais útil o emprego do termo supremacia branca do que a palavra racismo. A partir disso, a autora utiliza a nomenclatura supremacia branca “para identificar a ideologia mais determinante da maneira como pessoas brancas

(independentemente da inclinação política, de direita ou esquerda) percebem e se relacionam com pessoas negras e pessoas não brancas nesta sociedade” (p.232). Com essa compreensão, concebe que a supremacia branca permanece moldando a realidade e a posição social de pessoas negras, desta maneira, bell hooks (2019) entende que não basta uma política social que viabilize a integração racial, porque, nesses espaços ainda se perpetua a lógica da assimilação que corrobora com a dominação da supremacia branca. Deste modo, defende a necessidade de uma luta contínua pela libertação negra, numa perspectiva antirracista que perpassa uma responsabilidade e esforço coletivo, visto que, a luta para acabar com a supremacia branca é uma luta para alterar o sistema e toda a estrutura que impõem a lógica do domínio branco.

Pensando sobre homens e masculinidade, bell hooks (2019) constata que na luta feminista há uma escassez de estudos sobre homens, sobre a construção da masculinidade e as possibilidades de transformação. A autora atribui isto, ao processo de dominação masculina que resulta no silenciamento das mulheres quando estão perto de homens e sobre assuntos que envolvem a masculinidade. Assim, retoma nesse ponto o argumento do ato de falar - erguer a voz - como uma forma das mulheres se afirmarem, defendendo que diante da luta contra a opressão e os papéis de gênero é necessário que as feministas se dirijam sem medo aos que dominam e oprimem.

A autora propõe, pois, a criação de diálogo entre homens e mulheres, no sentido de que ambos sejam sujeitos da fala, mudando a lógica sujeito e objeto, num contexto de discurso humanizador que enfrenta a dominação. Ressalta também a importância de serem criadas estratégias por mulheres para falarem com homens sobre dominação masculina e destaca que o estudo de feministas sobre homens não deve seguir a lógica de considerá-los como objetos, essas pesquisas devem conter viés humanizador, centrando na relação de encontro sujeito com sujeito. Essas estratégias, são, por conseguinte, uma direção importante para a revolução feminista.

Em relação à escrita de mulheres negras, bell hooks (2019) evidencia sua percepção de que o número de escritoras negras de ficção publicadas com visibilidade

ainda é pequeno. Com essa constatação, a autora supõe que existe cotas que determinam o número de mulheres negras que irão ter seus livros de ficção publicados anualmente. Essas cotas não são conscientemente decididas, entretanto, são resultantes do racismo institucionalizado, do machismo e classismo. Analisando a realidade de escritoras negras, a autora também problematiza que estas mulheres para garantirem a sobrevivência econômica muitas vezes se envolvem em diversos projetos, o que afeta diretamente no trabalho enquanto escritora, uma vez que deixam pouco espaço para o exercício do trabalho criativo. Outra questão que envolve a vida de escritoras mulheres de qualquer raça é o trabalho doméstico e o cuidado com os outros, já que as mulheres dificilmente são libertas dessas atividades para se dedicarem somente a escrita. No sentido do desenvolvimento do interesse pela escrita por mulheres negras, bell hooks (2019), suscita que as escolas e comunidades devem apoiar o empenho pela escrita e leitura desde a infância, criando estímulos e encorajamento para as pessoas negras prosseguirem no trabalho.

No que diz respeito às mulheres negras e o feminismo, bell hooks (2019) afirma que o feminismo falhou no objetivo de desenvolver uma política que envolvesse mulheres negras. A autora chega a essa conclusão devido a consideração de muitas mulheres negras que afirmavam que o machismo não era assunto político para esse grupo e que a questão séria era o racismo. A partir dessa discussão, expressa que mulheres negras devem separar o feminismo como uma agenda política das mulheres brancas para que possam perceber como o machismo afeta as comunidades negras. Nesse sentido, concebe que as práticas feministas são fundamentais para o processo de *autorrecuperação* das mulheres negras e transformação da comunidade e sociedade, sendo a “tarefa mais básica que feministas negras [...]devem confrontar é educar uma às outras e também as pessoas negras sobre machismo, sobre como enfrentar o machismo” (p. 369), construindo um modelo de teorização feminista que melhore a compreensão sobre a experiência negra e de gênero, reivindicando assim, o direito de mulheres negras de participarem da formação de uma teoria e prática feminista, incluindo nesse âmbito também as questões raciais.

Concluindo, podemos afirmar que a obra aponta para a necessidade das mulheres, sobretudo, mulheres negras, de erguerem a voz como um plano de ação, ultrapassando o medo e a opressão de se manifestarem, portanto, erguer a voz, perpassa o plano pessoal e político, o público e o privado e apresenta-se como um caminho e possibilidade de libertação dos(as) oprimidos(as), dos(as) explorados(as) e colonizados(as). A proposta de bell hooks, por conseguinte, é da transformação e quebras de

paradigmas que envolve uma crítica à dominação da supremacia branca e do machismo. Por fim, destacamos que mesmo ao tratar de temas tão profundos, complexos e dolorosos, a autora consegue com maestria abordar as temáticas de uma forma acessível aos(as) leitores(as), tornando mais inteligível a compreensão das dominações e opressões sociais ao qual se propôs a analisar.